

## **CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA UMA INTRODUÇÃO**

*Marluce O. Raposo Dantas (UFPE)*

O surgimento da crítica literária feminista significou uma revolução, não somente nos Estados Unidos como também na Inglaterra e França. Nos Estados Unidos essa linha crítica teve origem no final da década de 60, como parte do movimento internacional das mulheres. A partir desse momento, os alicerces dos estudos literários têm sofrido profundas alterações.

O fato de que os leitores, escritores e críticos representativos da literatura Ocidental, foram sempre do sexo masculino, levou a crítica feminista a demonstrar que as mulheres leitoras e críticas trazem também percepções e expectativas diferentes à experiência literária. Esse pensamento crítico acredita que as mulheres também narraram as histórias importantes de nossa cultura.

Citando Elaine Showalter, “a crítica literária e sua ramificação filosófica, a teoria literária, sempre foram as guardiãs zelosas da atividade intelectual masculina; enquanto isso a crítica feminista abriu espaço para a autoridade da mulher crítica, que vai além do estudo da produção literária por mulheres, buscando também uma reavaliação de todo conjunto de textos que formam nossa herança cultural”.

### **A CRÍTICA FEMINISTA E A QUESTÃO DO GÊNERO**

A crítica feminista estabeleceu a questão do gênero como uma categoria básica da análise literária. Três outros aspectos fazem parte também dessa área de estudos literários:

- 1) as representações literárias da diferença sexual;
- 2) o modo como os gêneros literários foram moldados pelos valores masculinos ou femininos;
- 3) a exclusão da voz feminina na literatura, na crítica e teoria literária.

## OBJETIVOS

O objetivo primeiro a crítica literária feminista é desenvolver teorias da diferença sexual na leitura, na escrita e na interpretação literária. Seus princípios literários não advêm de uma única figura autoritária ou de um corpo sagrado de textos; nisso a crítica feminista se diferencia profundamente de outras escolas contemporâneas da teoria crítica. Enquanto os estruturalistas se apoiam nas descobertas lingüísticas de Saussure, a crítica psicanalítica se mantém leal a Freud ou Lacan, os marxistas se prendem a “O Capital” e os desconstrucionistas citam Derrida, a crítica feminista não busca uma Mãe de Todos Nós, nas palavras de Showalter, ou um sistema único de pensamento, que forneça suas idéias fundamentais. Showalter lembra essa diferença com muita clareza, ao referir-se aos conceitos básicos da crítica feminista, como tendo evoluído de

“fontes diferentes, que vão desde a leitura intensa da literatura produzida por mulheres, da troca de idéias com teóricos feministas de outras disciplinas, especialmente a história, a psicologia, e a antropologia, além da revisão e consideração da teoria literária em si mesma”.

A lingüística, a psicanálise, o marxismo e a desconstrução, têm oferecido à teoria crítica feminista importantes instrumentos analíticos. Todavia há que se observar, que não foi ainda formado um sistema teórico único, representativo desse pensamento crítico, considerando-se que ele se alimenta de vertentes de disciplinas diversas.

A crítica feminista foi gerada por mulheres, que lutaram por colocá-la em pé de igualdade com outras linhas de pensamento crítico; essas mulheres foram assim discriminadas e seu trabalho identificado a um movimento crítico radical. Parece haver pontos de confluência entre a literatura produzida por mulheres e a crítica literária feminista: é nessa literatura que se encontra a expressão mais completa da problemática da crítica feminista: a dificuldade de combinar o teórico e o pessoal pois a crítica feminista revela em sua própria história muitos dos padrões de rebelião que marcam a tradição literária feminina.

Na história da crítica literária feminista, as mulheres também têm procurado encontrar, igualmente ao que acontece na literatura produzida por mulheres, uma linguagem própria, um estilo, uma voz e uma estrutura que lhes permita entrar num campo anteriormente dominado pelos homens.

Os primeiros trabalhos nesse campo crítico são caracterizados por uma profunda intensidade de sentimentos e ênfase na relação da literatura com a experiência pessoal; esse aspecto está bem claro no tom autobiográfico e até mesmo confessional, que certamente chocou críticos treinados nas convenções impessoais da maioria dos trabalhos críticos acadêmicos. Esses primeiros escritos se apresentavam ora denunciadores, ora irados, às vezes líricos e emocionais. Showalter acredita que a crítica feminista “não deve nem deveria ser domínio exclusivo das mulheres”, e destaca que é importante compreendermos que “sua história e expressão foram determinados por questões de gênero e diferença sexual”.

### A CRÍTICA FEMINISTA NOS E.U.A.

A crítica feminista surgiu nos E.U.A. em decorrência do trabalho desenvolvido por mulheres ligadas à vida literária e acadêmica — editoras, escritoras, estudantes de pós-graduação e professores universitários — que haviam participado do movimento de libertação da mulher no final da década de 60 nos E.U.A. Em 1970, surge a obra de Kate Millet “Sexual Politics”, o primeiro livro de crítica feminista nos E.U.A., um trabalho tanto de análise literária, como de argumentação política desapaixonada. Em relação ao movimento de libertação da mulher, a década de 60, Showalter faz a seguinte observação:

“Foi através do movimento de Libertação das mulheres que começamos a fazer analogias entre nosso próprio trabalho e nossas vidas, a observar as disparidades entre as identifi-cações e ambições que nos haviam atraído, juntamente a milhares de outras mulheres, para o estudo e ensino da literatura, e a compreender o papel secundário e limitado conferido às heroínas na ficção, às mulheres escritoras e às mulheres na vida acadêmica”.

Nesse clima de despertar, algumas obras são redescobertas como representantes do novo pensamento; nos Estados Unidos redescobre-se o Romance *The Awakening* de Kate Chopin, escrito em 1899;

na Inglaterra surge Doris Lessing, com *The Golden Notebook* de 1962 e na França, Monique Wittig com *Les Guérillères* de 1969.

Para Sandra Gilbert, o início da consciência crítica feminista pode ser comparado a uma experiência de conversão, onde os seguidores desse pensamento crítico adotam um sentimento de transformação, compreendendo que a experiência da mulher na e com a literatura é diferente da dos homens.

### TRÊS FASES DISTINTAS NA CRÍTICA FEMINISTA AMERICANA

Showalter divide a história da crítica feminista americana em três fases. A primeira é caracterizada pela ênfase na misoginia da prática literária. Essa misoginia se fazia representar através das imagens estereotipadas da mulher na literatura, ora apresentadas como anjos, ora como monstros, e pela exclusão das mulheres na história literária; é então quando as críticas feministas passaram a destacar a questão da conexão entre a discriminação social e literária em relação às mulheres. Não somente as mulheres que produzem crítica literária, mas também os críticos, têm observado que na atmosfera da década de 80, quando se desenvolveu uma profunda sensibilidade em relação às questões de gênero e sexismo, é inegável ser a misoginia literária um fato que não pode ser ignorado. A esse respeito Lawrence Lipping observa:

“Algo peculiar tem acontecido ultimamente aos clássicos. Alguns deles parecem agora menos heróicos, e alguns menos interessantes”.

A experiência do despertar crítico feminista parece ter transformado tudo o que aconteceu anteriormente; foi uma revolução intelectual, acrescida do desafio de desmistificar paradigmas existentes e descobrir um novo ponto de vista.

De acordo com a classificação de Showalter, a segunda fase da crítica feminista se caracteriza pela descoberta de que as escritoras tinham uma literatura própria, cuja coerência temática e histórica, assim como sua importância artística, haviam sido obscurecidas pelos valores patriarcais que dominam a cultura.

Não resta dúvida que na evolução da crítica literária, a literatura produzida por mulheres tem sido considerada; todavia, somente quando a crítica feminista iniciou o mapeamento do território da imaginação feminina e as estruturas do enredo feminino, é que algo novo realmente

ocorreu. Passou-se então a uma fase de total redescoberta e releitura da literatura produzida pelas mulheres, em países diversos, e períodos históricos. Descobriu-se uma linha nos escritos femininos à medida que centenas de escritoras esquecidas vieram à tona, cartas e diários foram resgatados e biografias literárias escritas, explorando a relação entre o talento feminino individual e a tradição literária.

Somente nos meados da década de 70 surgiram os primeiros estudos que começam a definir a literatura produzida por mulheres em termos feministas, através das obras de Patrícia Meyer Spacks *the Female Imagination* (1975) e de Ellen Moers *Literary Women* (1976). Em *A Literature of Their Own*, Showalter traça a história literária das escritoras inglesas nos séculos XIX e XX. É em 1979 que surge a obra monumental de Gilert e Gubar *The Madwoman in the Attic*; onde é feito um relato teórico completo da situação da mulher escritora no século XIX, de suas ansiedades em relação à questão da autoria, vista como uma atividade monstruosa e antifeminina, que transgredia as fronteiras culturais.

Através desses escritos tem-se agora um panorama dos estágios evolutivos da produção literária feminina nos últimos 250 anos, em que diferentes posturas podem ser observadas: do protesto até à auto-definição, e a trajetória das conexões através da história das imagens recorrentes, temas, e tramas que emergem na experiência feminina social, psicológica e estética, numa cultura dominada por homens.

Está criada então uma estética feminina, surgida dessas conexões. Da mesma forma que a estética negra da década de 70 celebrava uma consciência negra na literatura americana, assim também a estética feminina celebra uma consciência literária feminina singular.

Na busca de definir a diferença na literatura produzida por mulheres, como a expressão de uma estética feminina, esses estudos têm não somente se voltado para teorias que vão da psicanálise a estética, como também têm desafiado os conceitos teóricos fundamentais da crítica e história literária tradicionais, desde a divisão da literatura em períodos (como o chamado "Renascimento Americano"), divisão essa baseada exclusivamente em demarcações masculinas, até às questões quanto ao gênero e ao papel do crítico.

Em sua terceira fase a crítica feminista exigia não apenas o reconhecimento da literatura feminina mas também uma reavaliação radical das bases conceituais dos estudos literários, uma revisão dos conceitos teóricos normalmente aceitos, no que diz respeito à leitura e escritura, conceitos esses baseados unicamente na experiência literária masculina. Enquanto nos E.U.A., a crítica feminista tinha uma base institu-

cional na comunidade acadêmica, tanto nos departamentos de literatura como nos grupos de estudos da mulher, na Inglaterra sua base institucional era centralizada fora das universidades, na política radical e no jornalismo especialmente. Essa crítica analisa as conexões entre gênero e classe, enfatiza a cultura popular e tem sido uma crítica feminista da teoria literária marxista: Olive Banks acredita que a razão sociológica para essa diferença é que na Inglaterra há uma ligação mais intensa entre o socialismo ou marxismo e o feminismo.

A medida que a crítica feminista anglo-americana tenta recuperar a experiência histórica das mulheres como leitoras e escritoras, a teoria feminista francesa busca a maneira como “o feminino” tem sido definido, representado, ou reprimido, nos sistemas simbólicos da linguagem da metafísica, da psicanálise e da arte.

Concluindo, observamos três influências fundamentais na formação da crítica literária feminista na década passada:

- 1) o movimento de liberação das mulheres;
- 2) o desenvolvimento de estudos da mulher;
- 3) o impacto da teoria européia.

Com relação a trajetória percorrida pela crítica feminista, Elaine Showalter comenta:

“A trajetória da crítica feminista nos deslocou do tema da subordinação, exclusão e discriminação literária da mulher, ao estudo da tradição literária individual das mulheres e a uma análise da construção simbólica do gênero e da sexualidade dentro do discurso literário”.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ABEL, Elizabeth. *Writing and Sexual Difference*. Brighton, Harvester 1982.
- DIAMOND, Arlyn and Lee R. Edwards (eds) *The authority of Experience. Essays in Feminist Criticism*. Amherst. University of Massachusetts Press. 1977.
- DONOVAN, Josephine. (ed) *Feminist Literary Criticism. Explorations in Theory*. Lexington. The University of Kentucky Press. 1975.
- SHOWALTER, Elaine. Ed. *The new feminist criticism. Essays on Women Literature and Theory*. New York. Pantheon Books. 1985.